

Discurso proferido pelo arquiteto Winston Ramalho por ocasião da condecoração como Vulto Emérito de Curitiba.

Quero agradecer as elogiosas palavras proferidas pelo ilustre vereador Jair Cezar. Elas muito me envaidecem, mas são fruto na realidade da grande generosidade da qual é possuidor este brilhante homem público.

No entanto, seu amável pronunciamento teve o condão não só de me encher de alegria e satisfação, mas também de me fazer recuar no tempo, trazendo à tona velhas e caras lembranças há muito adormecidas.

E me vi de repente em 1958.

Tinha 15 anos de idade, lembro que o ano estava terminando e eu já estava em férias escolares.

Certo dia estava distraidamente folheando um exemplar da revista Seleções quando um artigo me chamou a atenção.

O título era “O MAGNÍFICO SENHOR WRIGHT” e o autor era um certo Arch Oboler. Confesso que nunca havia ouvido falar nem de um nem de outro.

Mas o que havia de fato despertado a minha atenção?

Talvez o fato de que já naquela época, tudo o que fosse relacionado à criação artística e à construção me atraíssem muito.

Logo acima do título do artigo destacava-se um pequeno desenho, colocado logo abaixo do retrato de um senhor de idade, dotado de vasta cabeleira branca. Em pequenas letras ao lado do desenho lia-se: “RESIDÊNCIA DO SR. ARCH OBOLER, COMO FOI ORIGINALMENTE IDEALIZADA PELO SR. WRIGHT”.

Então aquilo era uma casa?

Era realmente um desenho estranho, como nunca havia visto até então. Não tinha, por exemplo, um telhado de duas águas e janelas que para mim identificariam uma casa. Era um desenho muito, mas muito bonito.

Movido por um impulso, talvez o mesmo que leva um pintor a procurar registrar uma bela imagem que o tenha impressionado, tentei reproduzi-lo, tentei apropriar-me daquela obra de arte.

E logo montes de folhas de papel eram tristes testemunhas do meu fracasso.

O desenho daquela casa era tão inovador que até hoje, passados mais de 50 anos de sua concepção, continua novo, atual, um extraordinário exemplo de criação arquitetônica. E assim, naturalmente minha pretensão infantil de copiá-lo não poderia mesmo deixar de ter sido mera pretensão.

Frustrados meus primeiros esforços para penetrar naquele mundo ao mesmo tempo desconhecido e tão atraente, a curiosidade me fez começar a ler o artigo. Nele o sr. Oboler, que era um prestigioso produtor de rádio e de TV nos Estados Unidos relatava a aventura de ter contratado um dos profissionais de arquitetura mais famosos do mundo - o arquiteto Frank Lloyd Wright - para projetar a sua casa.

A cada linha, a cada parágrafo que ia devorando, mais aumentava meu entusiasmo por aquela experiência que ambos, arquiteto e cliente, tinham compartilhado. E esta parceria foi a tal ponto marcante que, nas palavras um tanto dramáticas do próprio Wright, *quando ele morresse algo dele permaneceria naquela montanha por causa de Oboler.*

Concluída a obra, o entusiasmo de Oboler passou a ser contagiante, ao fazer uma poética descrição da construção compondo um todo único com a montanha, o esplendor que ele percebia na madeira vermelha de sequóia com a qual a casa era construída, as citações que fazia a respeito das muitas demonstrações da inventividade de Wright, copiadas, aliás, por outros arquitetos pelo mundo todo.

Tudo aquilo me fascinava.

E, ao terminar a leitura, a decisão estava tomada: EU TAMBÉM IRIA SER ARQUITETO.

O tempo foi passando e veio o vestibular, a seguir o Curso de Arquitetura na Universidade Federal do Paraná, paralelamente a vários estágios que o complementaram. Nesta fase de

minha vida tive o privilégio de conviver e aprender com alguns dos arquitetos mais importantes e talentosos do Paraná e do Brasil, que foram os fundadores do Curso de Arquitetura da nossa Universidade, os mestres de uma geração de arquitetos que transformou Curitiba.

Depois veio a prática profissional e o magistério, simultâneos e em perfeita coexistência, porque ambos interagem e se alimentam entre si. E o aprendizado prosseguindo, com os colegas, com os clientes, com os livros, com os alunos, com a vida.

Ao aposentar-me da Universidade, foi possível viajar mais, conhecer mais gente e mais arquitetura de primeiro nível no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa.

No entanto, ao longo de todos estes anos, apesar de tudo o que pude conhecer a respeito do “Magnífico Senhor Wright”, de sua vasta obra não apenas publicada em dezenas de livros e revista especializadas, mas também registrada em filmes e vídeos, jamais havia encontrado o projeto da residência Oboler.

E aquilo me frustrava, ao mesmo tempo que me intrigava.

Por que justamente esta obra não era divulgada?

Então um dia estava em Nova Iorque e decidi ir ao MOMA, o Museu de Arte Moderna, iniciando as visitas costumeiras que fazemos aos museus quando viajamos. Ao chegar, imediatamente dirigi-me ao 4º andar, onde ficava a seção de arquitetura, por onde instintivamente resolvi começar.

Saí do elevador e já no saguão, destacando-se como uma jóia rara no meio do espaço por onde circulavam muitas pessoas, estava uma grande maquete da famosa Casa da Cascata de Wright, uma de suas obras mais conhecidas.

Que agradável surpresa! O modelo era perfeito, com muitos detalhes, podia-se perceber as texturas do concreto e das pedras, a água do rio e a cascata sobre a qual a casa parecia flutuar... enfim, uma reprodução fantástica.

Por um longo tempo fiquei ali “curtindo” aquela maravilha, e finalmente entrei no grande salão de exposições onde, já num primeiro olhar panorâmico percebi que obras de vários grandes arquitetos estavam expostas, principalmente de alguns expoentes da arquitetura mundial dos dias de hoje.

Avancei um pouco mais pelo salão e, de repente, algo me chamou a atenção.

Vi o que pareciam ser dois quadros profusamente iluminados e pendurados na parede do fundo da sala.

Ao me aproximar mais, percebi que se tratava de duas folhas de desenho emolduradas e protegidas com vidro.

Cheguei mais perto e então pude reconhecer o inconfundível traço em lápis de cor do mestre.

Era o projeto de uma casa!

E lá estava escrito no rodapé com a letra de Wright: PROJETO DE UMA RESIDÊNCIA PARA O SR. ARCH OBOLER!

Tinha finalmente encontrado! A emoção era grande.

O papel amarelado pelo tempo, mostrando algumas marcas de dobras, conseguira guardar e salvar da inexorável passagem do tempo os traços que deram origem àquela obra magistral que eu conhecera aos 15 anos de idade.

Por quanto tempo ali fiquei, admirando, fotografando para guardar comigo aquelas imagens? Não sei. Só lembro que a felicidade era grande, e eu estava recompensado, gratificado, com a sensação de que algo importante havia se cumprido, se completado.

Talvez possamos pensar: “Ah, foi uma simples coincidência, um acaso”.

Pode ser. Porém, aquela sensação que me envolveu era concreta, palpável, e foi o mais marcante deste episódio, pairando acima de qualquer racionalização que pudesse ser feita. Penso também que há uma lição que pude extrair: a vida está a cada momento nos ensinando algo, e poderemos extrair o aprendizado desde que estejamos com a mente suficientemente aberta e sintonizados com nossos objetivos existenciais mais significativos.

Como certa vez disse um grande amigo, nada do que é importante na vida é casual.

E se acreditarmos por um momento nisto, concluiremos que para cada um de nós há um

plano. Um plano único que envolve circunstâncias, tempo, pessoas, desafios.

E acredito que, assim como cada um de nós tem pelo menos um talento especial e único, diferente de todos os demais, também possui uma missão, que é a de usar este talento em benefício das outras pessoas.

Por outro lado, ninguém consegue construir nada sozinho: nem a própria educação, nem uma empresa, nem um lar. Somos uma espécie de caleidoscópio onde cada uma de suas muitas partes representa a participação que teve em nossa vida uma pessoa ou um grupo delas.

E se não houvesse esta contribuição tão rica que se sucede dia após dia ao longo da existência, podemos imaginar quão monocromática e pobre de valores seria nossa vida.

É por isso que vejo esta cerimônia muito mais como uma oportunidade de agradecer do que de ser homenageado.

E entendo que esta homenagem se estende a todos os arquitetos que vivem e atuam em Curitiba, e que têm trazido a sua contribuição profissional para fazer desta nossa cidade o que ela é.

Considero que cada uma das pessoas com as quais tive e tenho o privilégio de conviver - e muitas delas aqui hoje se encontram para minha alegria - são proprietárias, por assim dizer, de uma parcela deste título.

E devo reconhecer, sem falsa modéstia, que a parcela que me cabe é uma das menores.

Assim como iniciei, quero encerrar agradecendo: antes de mais nada a Deus que me permitiu existir; em seguida a meus pais que me conceberam e fizeram tudo o que estava seu alcance para que eu fosse feliz; à minha esposa, companheira fiel e permanente de todas as horas e de todas as lutas, que tão pacientemente tem me apoiado ao longo dos anos; aos meus filhos que têm sido inspirações para o meu trabalho; aos meus sogros, pessoas maravilhosas que a vida me presenteou; aos meus familiares; aos meus mestres; aos meus amigos; aos meus colegas; àqueles que trabalharam e trabalham comigo, agradeço pelo muito que deles todos recebi e que sei que, por mais que tente, jamais conseguirei retribuir à altura; quero agradecer e parabenizar o maravilhoso Coral do Colégio Estadual do Paraná ao qual tive a honra e o prazer de pertencer naquela época de descobertas, quando tinha 15 anos; agradeço às autoridades aqui presentes pelo prestigiamento ímpar que deram a esta cerimônia de tamanho significado para mim; aos vereadores da Câmara Municipal de Curitiba, em especial ao eminente vereador Jair Cezar que muito me honrou com a propositura de meu nome para esta homenagem, que ficará gravada em minha mente e em meu coração pelo resto de meus dias, só posso dizer:

Muito obrigado.